

Léon Denis

O Progresso

Conferência feita em Tours, na sala do Cirque
em 29 de fevereiro de 1880

e em Orléans, na Sala do Instituto
em 4 de abril de 1880



Conteúdo resumido

O Progresso constitui-se em um dos discursos do grande filósofo espírita Léon Denis, que foi publicado em Tours, no ano de 1880. A conversão desse discurso em livro foi feita pelo autor devido à sua grande receptividade junto aos seus admiradores, conforme ele próprio declara, na introdução desta obra.

Um texto envolvente, no qual o mestre Denis analisa, com grandeza d'alma, o progresso político, o social, o religioso e o progresso na imortalidade.

O seu discurso aborda progresso das idéias e instituições. Denis demonstra, nesta obra, que o progresso é uma lei natural, que o homem pode obstá-lo, através de suas escolhas, mas não

pode detê-lo. E também, que cabe a ele consultar sua consciência para saber como nortear seus atos, no sentido de progredir e colaborar na construção de um mundo melhor.

“Que espetáculos, que maravilhas representam para nossa vida esses mundos longínquos, que variedade de sensações que se podem recolher desses universos! E essas almas prosseguem sua viagem na imensidade, até que, submetidas à lei eterna, retomam órgãos novos, se fixam sobre um desses mundos para cooperar, pelo trabalho, para o seu adiantamento, para o seu progresso. Ante esses horizontes imensos, como nossa Terra fica pequena! E, diante de tais perspectivas, pode-se temer a morte?”

Léon Denis
O Gênio Céltico e o Mundo Invisível

Sumário

Prefácio	5
Introdução	7
Apresentação	8
I – O que é o Progresso	9
II – O Progresso Através dos Tempos	11
III – O Progresso Político	20
IV – O Progresso Social	24
V – O Progresso Religioso	27
VI – O Passado e o Futuro	34
VII – O Progresso na Imortalidade	37

Prefácio

O Progresso constitui-se em um dos discursos do grande filósofo espírita Léon Denis, que foi publicado em Tours, no ano de 1880. A conversão desse discurso em obra literária foi feita pelo autor devido à sua grande receptividade junto aos seus admiradores, conforme ele próprio declara, na introdução desta obra.

Façamos um pouco de história. Denis foi orador brilhante e os anos dedicados à divulgação oral o consagraram como excelente conferencista. Uma particularidade de sua oratória é que ele escrevia e lia os seus discursos. Tal particularidade dava-lhe material permanente para falar e, ao mesmo tempo, permitiu que chegasse até nós algo daquele período brilhante, sem dúvida alguma, do nosso querido mestre.

Diz-nos Henry Regnault, em *A Morte não Existe*,¹ que o célebre livro *O Porquê da Vida* foi publicado, inicialmente, como base para um sem-número de palestras em torno do assunto.

Em *O Progresso* Denis nos mostra toda a sua face elevada e liberal. Ele foi capaz de analisar, ao mesmo tempo, com grandeza d'alma, o progresso político, o social, o religioso e o progresso na imortalidade.

Tais estudos nos demonstram o quanto temos ainda a aprender. A maneira distinta, serena e coerente do autor diz-nos muito bem como ele dirigia o seu pensamento para a nobre causa do Espiritismo, do qual se consagrou um verdadeiro apóstolo.

Enfim, cabe-nos destacar que este discurso, apesar de publicado em 1880, conserva o seu conteúdo atual, nobre, dirigido a tantos quantos queiram estudar e trabalhar suas idéias, segundo a Doutrina Espírita.

Tomamos conhecimento deste livro através de uma publicação da Biblioteca Nacional do Brasil, que falava da existência do mesmo na Biblioteca Nacional de França.

A cópia do original nos chegou às mãos graças ao desvelo de amigos brasileiros residentes na França.

Que todos tenham uma boa leitura.

Altivo Carissimi Pamphiro.

Introdução

Este discurso não estava destinado à publicidade. A acolhida que lhe foi feita e o convite insistente de um grande número de meus ouvintes foram os únicos motivos que me decidiram levá-lo à impressão. Minhas anotações permitiram-me reconstituí-lo fielmente e, para o entendimento de certos pontos de doutrina, que poderiam parecer obscuros, achei dever acompanhá-los de um comentário filosófico.

Léon Denis.

Apresentação

Senhoras, Senhores:

O assunto que escolhi é vasto, imenso. Para tratá-lo em uma única conferência é necessário circunscrevê-lo em metas estreitas, impondo-lhe limites restritivos.

Também deixarei de lado tudo o que se refere ao progresso material. Que vos poderei dizer do progresso material que não conheceis antecipadamente? Para ser colocado em condições de ser entendido, bastaria, com efeito, lançar vossos olhares em torno de vós: a visão da atividade industrial, comercial, as vias férreas cortando nossos campos, aproximando os povos, desenvolvendo em todos os lugares o trabalho e o bem-estar, numa palavra, o espetáculo da matéria por toda parte dominada, submetida à vontade humana, executando suas menores fantasias, esse espetáculo vos falará melhor que as palavras.

Portanto, eu me limitarei a vos entreter com o progresso das idéias, das instituições, e para não abusar muito de vossa atenção, entro logo no assunto.

Capítulo I

O que é o Progresso

Que é o progresso?

O progresso é a aspiração pelo melhor, pelo belo, pelo bem; é a prova da existência em nós de um princípio superior, de alguma coisa grandiosa, quase divina, que nos encaminha para destinos mais altos, que nos lança sempre para frente, nos domínios do pensamento e da consciência.

É essa força íntima e maravilhosa que distingue o homem do animal, o sagrado rei do mundo, dominador da matéria.

Do ponto de vista social, o progresso é a caminhada para um estado de coisas cada vez mais de acordo com a justiça e a razão; é a aplicação, no seio das sociedades humanas, das leis, dos princípios suscetíveis de realizarem nelas a maior soma de ordem, de bem-estar, de liberdade, de fraternidade, de aproximá-las o mais possível do estado de perfeição. Eis o que é o progresso!

Há homens que consideram o progresso como uma lei fatal, inevitável, como uma das leis cegas da natureza. O homem, dizem, progride em virtude da mesma força que faz uma semente, lançada em um terreno favorável, transformar-se em um carvalho.

Eu protesto contra uma tal doutrina que é a negação da liberdade. Sim, sem dúvida, o homem é um ser progressista, perfectível por natureza.

Progredir é sua missão na Terra, é seu maior dever; é aí que está a fonte de sua grandeza, de seu poder. Porém, antes de tudo, o homem é livre, livre e responsável por seus atos.

O homem, fisicamente, materialmente, é como uma planta que se desenvolve naturalmente, em virtude das leis universais; porém, intelectualmente e moralmente, ele se cria por si mesmo.

É por uma longa série de esforços, de trabalhos e de buscas que ele se torna no que é; é por suas relações com seus semelhantes que ele cria a ordem social completa.

Sua elevação é, portanto, sua própria obra e eis por que ele se pode mostrar orgulhoso por isso.

Aliás, se o progresso fosse fatal, seria contínuo e nada poderia entravá-lo, criar-lhe obstáculo. Não vemos, na História do mundo, períodos de decadência e de abatimento se sucederem a períodos de progresso e de civilização? Não é por uma caminhada contínua que a humanidade se fortifica, se esclarece e cresce. Não!... É através de vicissitudes sem número, de alternativas de triunfo e de sofrimento, é sobre uma estrada desigual onde as quedas são tão numerosas quanto as ascensões, na qual encontramos, a cada passo, as marcas de seus pés sangrentos.

O progresso é como o oceano, tem seus fluxos e seus refluxos, suas marés altas e baixas, as quais abrangem períodos às vezes seculares.

Suas ondas incontáveis assaltam as rochas e os escolhos, reviram-nos e depois se estendem sobre imensas superfícies onde jamais haviam penetrado; logo recuam, afastam-se e, em seu movimento oposto, deixam descobertas várias praias. Todavia retornam um dia, mais formidáveis, invadindo novos espaços e conquistando novos terrenos.

A História nos faz lembrar essas grandes fases do progresso. As marés altas são a Grécia e Roma, a Reforma, a Revolução. Os refluxos terríveis e as marés baixas são a invasão dos bárbaros, a tenebrosa Idade Média, os Impérios cheios de sombra e de corrupção, que precederam a aurora de 1789.

Na hora em que estamos, uma nova ascensão se prepara para nosso povo; a onda sobre, agiganta-se a olhos vistos.

Que possa ela elevar-se bem alto e varrer diante de si todos os fantasmas do passado: preconceitos, ignorância e fanatismo, que ainda se opõem à sua passagem.

Capítulo II

O Progresso

Através dos Tempos

A idéia que se faz dos primeiros tempos da humanidade é geralmente falsa. Criou-se, a propósito, uma multidão de lendas religiosas, lendas da idade de ouro, do paraíso terrestre, sob cuja narrativa nossa infância foi embalada.

A Ciência fez justiça dessas invenções, encontrou, nas camadas geológicas que compõem a crosta terrestre, os instrumentos e os objetos de que se serviam os primeiros homens e, com o auxílio desses restos, ela reconstituiu toda sua existência.

Esses primeiros homens eram o que são ainda hoje os selvagens da Oceania. Viviam em luta contínua com os animais ferozes que pululavam pela Terra, habitando cavernas ou construindo cabanas sobre estacas, acima dos lagos.

Tinham, como armas e instrumentos, apenas pedras talhadas em forma de machados, facas e lanças; para vestimenta as peles das feras que eles matavam. Pouco a pouco, no passar dos tempos, aparecem os instrumentos de metal, o bronze, as cerâmicas, enfim o ferro, com cujo auxílio o homem talha a pedra, fende os troncos das árvores e constrói cidades.

Então, no céu da humanidade aparece a aurora pálida e confusa de uma civilização rudimentar.

O homem constrói a primeira cidade (civitas), de onde nasceu a palavra civilização, e desde então, com a vida em sociedade, começa a vida moral.

A vida isolada é a vida egoísta, a vida selvagem; a vida em comum é a vida moral, que faz nascer o direito e o dever, a única para a qual o homem foi criado, na qual este pode desenvolver suas faculdades, descobrir as leis de justiça que regem as sociedades e os mundos.

Inicialmente, é nas vastas planícies do Oriente que a civilização nascente passeia com a sua flama. Ela procura um

asilos seguros, uma casa preparada e não a encontra. Acende grandes fogos que iluminam a terra, mas que logo se extinguem, e o progresso nascente vai de cidade em cidade, de povo em povo, sem encontrar onde parar.

Ela parte da Índia, brilha um momento na Babilônia e depois troca a Babilônia por Nínive.

De Nínive passa para os Persas e daí para o Egito, deixando atrás de si impérios arruinados pela corrupção e pela indolência, cidades destruídas no meio das orgias e da carnificina.

Essas cidades eram imensas e esses impérios prodigiosos.

Vamos agora às planícies orientais buscar os túmulos dessas civilizações desaparecidas. Não resta nada!

O vento dos desertos varreu a poeira das antigas cidades e o árabe, que é o único que hoje percorre essas solidões ao galope de seu cavalo, ele próprio não saberia dizer em que lugares outrora aquelas existiram. Do Egito a civilização passa para a Grécia e lá ela se expande. É que ali, finalmente, ela encontrou o lugar, a casa tão procurada, de onde vai brilhar sobre o mundo. Debaixo do belo céu da Grécia, o gênio humano vai se revelar pelas criações artísticas que permanecerão pelos tempos futuros e pelos modelos de pureza e de harmonia.

Monumentos como o mundo jamais verá, estátuas de uma perfeição de formas ideal se elevam nas cidades gregas e, ao mesmo tempo em que o sentimento do belo se revela com tanto esplendor, a filosofia grega oferece ao futuro essas criações do pensamento que ainda servem, depois de vinte séculos, para a educação de nossos filhos.

Todavia não é apenas a Arte e a Filosofia que brilham na Grécia com um fulgor tão vivo. Nela também a civilização se manifesta pelas instituições políticas e sociais de uma grande perfeição.

Nas repúblicas gregas gozava-se de uma liberdade maior que aquela que nós próprios possuímos. Cada cidadão participava da soberania nas tarefas do país; pobres e ricos, todos eram iguais em direitos e a justiça era distribuída gratuitamente.

Comparando as instituições gregas com as nossas, os pensadores se desiludiram do progresso, crendo que jamais a civilização grega havia sido igualada e que, após tantos séculos de decadência, a humanidade não havia chegado ainda a esse nível.

Entretanto não nos enganemos, senhores; essa é uma opinião errada. Julga-se mal a civilização grega, analisando-a somente pelo seu brilho. Essa civilização é mais de superfície e não de profundidade.

Eu me explico: tomemos Atenas como exemplo. Ela possuía vinte mil cidadãos, gozando de todos os direitos civis e políticos, beneficiando-se dos princípios de liberdade e de igualdade que são a força e a grandeza das sociedades humanas, entretanto a população de Atenas era de mais de duzentos e vinte mil habitantes. Que eram então os outros duzentos mil? É aqui que chamo toda a vossa atenção; é aqui que está a solução do problema. Os outros duzentos mil habitantes de Atenas eram escravos, isto é, homens mortos para a vida política, mortos para a vida social.

E exaltam, agora, a superioridade das instituições gregas sobre as nossas. A escravidão! Eis o abismo que separa as civilizações antigas da civilização moderna.

A Grécia, corrompida pelo luxo, pelas divisões internas, pela indolência (conseqüência inevitável da escravidão), deixa passar para as mãos de Roma a flama da civilização nascente.

Enquanto os romanos permanecem sóbrios, virtuosos, insensíveis à fadiga, eles dominam o mundo antigo e imprimem a essa confusão de nações, agrupadas em volta do Mediterrâneo, um espírito de ordem e disciplina e uma organização sábia que os homens ainda admiram. Eles cobrem a terra com esses prodigiosos trabalhos, cujas ruínas despertam nossa admiração; porém, desde que o vício e a corrupção invadem o Império Romano, essa poderosa civilização se desmorona por toda parte.

Das regiões do Norte, das florestas da Germânia, ondas de bárbaros se lançam sobre o império e o estraçalham, dividem-no, reduzindo-o a poeira.

Os povos se entrechocam, se exterminam, sobrepondo ruínas sobre ruínas, e nesse grande cataclismo a arte, a civilização, tudo se arruína, tudo desaparece.

Então começa, para a humanidade, para o progresso, uma noite de doze séculos, doze séculos de dor, de trevas, que vão pesar no mundo até a Renascença e até a Reforma. É a Idade Média, a idade de ferro, a idade do feudalismo, a idade onde as fogueiras crepitam, onde o sangue corre em torrentes nas salas de tortura, onde as incontáveis forças se erguem com os seus frutos sinistros.

Em nosso país os conquistadores do norte repartiram a terra e os filhos dos gauleses se tornaram servos. Ah! quem poderá dizer, quem poderá medir tudo quanto sofreram nossos antepassados. Agregados ao solo, não são mais homens, porém bestas de carga.

Todavia uma nova fé aparece no mundo. Ao paganismo romano sucedeu a religião do Cristo. A voz do grande sacrificado bradou do alto do Calvário, dizendo a todos: “Amai-vos!” E uma doutrina de paz, de fraternidade se expandiu pela Terra; porém, enquanto o Cristianismo dos primeiros tempos era grande e puro em sua austera simplicidade, o Catolicismo da Idade Média era esmagante e impiedoso para os pequenos. As doutrinas católicas fizeram do céu a imagem da Terra. Deus reina ali, cercado de seus santos, da mesma forma que aqui embaixo o rei no meio de seus senhores e o senhor no meio de seus vassalos.

Os conquistadores, os vencedores são os nobres, os eleitos; os vencidos são os servos, os vilões e os reprovados.

Para uns as festas, o prazer, a vida alegre; para os outros o trabalho sem descanso, as privações, a miséria, o medo do diabo e a perspectiva do inferno. Acima de tudo domina o arbítrio; a graça reina no céu, aqui reina o favor; o direito e a justiça, em nenhuma parte. Aliás, não havia então a justiça, porém *as justiças*.

Ainda existem várias localidades com esse nome. Quando se escava a terra, descobrem-se camadas de ossos, esqueletos

retorcidos e esquartejados. Sabem o que eram essas justiças? Eram os lugares onde se elevavam os poderes senhoriais e esses cadáveres são dos pobres servos que tentaram sacudir um jugo muito duro!

Não lembramos todas essas coisas com o objetivo de reavivar ódios extintos. Não, ódio não temos mais. Devemos alertar os homens que preconizam as instituições da Idade Média, que as elogiam e que, se pudessem, fariam-nas renascer. Com a mão sobre a História, devemos responder e dizer uma coisa: a verdade!

A verdade é que o povo da Idade Média esteve curvado durante mais de dez séculos sob o peso de todas as opressões. Acorrentado à terra que ele cultivava, considerado como um objeto, o servo vivia uma vida de animal, atrelado ao moinho que ele movia o dia inteiro.

Coberto de farrapos, habitando cabanas sórdidas, o servo se alimentava do que a conveniência do senhor lhe quisesse deixar.

Sem alegria no presente, sem esperança no futuro, ele não era livre para dispor dos seus, de sua esposa, de seu filho, propriedade do senhor. Cada recém-nascido do servo era um escravo, um miserável a mais sobre a Terra. Por vezes, quando o senhor se mostrava mais cobiçoso, quando os participantes da guerra saqueavam as províncias, a vida se tornava tão difícil, a fome fazia tais devastações, que os servos, tangidos pela fome e pelo desespero, se revoltavam em massa e sob o nome de Jacques e de Pastoureaux, iam buscar na morte o esquecimento e o fim de tantos males.

Eis o que era a existência para o povo daquela época que escritores chamam ainda de bom velho tempo, sim o bom tempo para os senhores e para os monges!

Eis o que eram nossos antepassados, os servos; sim, nossos antepassados!

Confessemos bem alto, filhos do povo, nós somos os filhos dos servos, dos vilões.

É nosso título de nobreza e nós o desejamos fortemente. Somos os descendentes daqueles que regaram a terra com seus

suores para alimentar a humanidade e eis por que praticamos a santa lei do trabalho, pois amamos a justiça. Eis por que glorificamos 1789, porque 89 veio dizer a esse servo:

“Que esta terra que tu regas com tuas lágrimas seja tua terra! Que esta casa te pertença; que tua filha seja sagrada para todos. Que a noite que envolve tua alma se dissipe com a luz da instrução, a fim de que uma existência nova comece finalmente e que a hora da reparação soe para ti!”

No meio dessa sombria época em que domina o feudalismo unido à teocracia romana, como se reduz o pensamento!

O pensamento parece encoberto, obscurecido e extinto para sempre. Todavia não nos enganemos: o pensamento não está morto; ele vela, faz sua caminhada, tímida e subterraneamente, porém caminha.

É como a semente durante o inverno: enterrada no solo, fermenta lentamente, até quando possa nascer para a luz e produzir seus frutos.

Cedo o pensamento apresenta sua preciosa semente; é a primavera, a renascença do progresso e da razão! O pensamento humano desperta e busca sacudir o peso que o esmaga.

Emprega-se contra ele o ferro, o fogo, a tortura, porém inutilmente. Ele se fortifica nos suplícios e cresce sempre.

Pensam esmagá-lo logo, na cruzada contra os Albigeois, porém eis que reaparece com Jean Huss, Jerônimo de Praga, os Vaudois.

Para o carrasco, Jean Huss! Para o carrasco, Jerônimo de Praga, para o carrasco, todos os renovadores!

E os inquisidores da fé vão por toda parte, usando seu machado, sua tocha e os instrumentos de suplício. Ondas de sangue correm em nome de um Deus de misericórdia e incontáveis vítimas são sacrificadas.

Oh! Então o germe da heresia deve ser aniquilado, porém eis que dos vales da Europa Central se eleva um grito de protesto contra os excessos do Catolicismo, um grito formidável de liberdade.

A razão reaparece com os apóstolos da Reforma. A unidade católica se partiu e o jugo da teocracia romana foi rejeitado por vinte milhões de homens.

O Protestantismo proclama o princípio do livre exame e, apesar dos punhais de Saint-Barthélemy, apesar dos sabres dos dragões, do exílio e da Bastilha, é desse princípio do livre exame, ampliado e fortalecido, que sairá a filosofia do século XVIII e o livre pensamento moderno.

E eis que o pensamento renascente descobre um recurso para se expandir no mundo, um instrumento admirável. Um homem funde caracteres de metal que se agrupam e formam palavras: é a imprensa.

Graças a ela, o livro, tão raro, tão custoso quando era só um manuscrito copiado a pena, o livro e, mais tarde, o jornal vão penetrar até nas mais humildes residências, iniciando o camponês e o operário na vida intelectual; arrancando, um a um, de suas almas os instintos grosseiros que a servidão engendra, preparando-os para a liberdade.

Desde então, o pensamento toma seu impulso e avança com passo rápido.

A Arte resplandece; a Ciência sonda os céus profundos e revela a suprema harmonia dos mundos.

A Filosofia cuida dos maiores problemas, a História se esclarece. A Igreja e os tronos ficam abalados, as velhas crenças e as superstições batem em retirada; a razão e a consciência se expandem e esse imenso trabalho de elaboração, que dura três séculos, chega enfim à formidável explosão moral que denominamos Revolução de 89, explosão esta que, abalando a velha sociedade autoritária e feudal, fez nascer na face do mundo a moderna civilização, apoiada em bases inabaláveis: o direito e a liberdade.

A Revolução é para nosso país, para nossa raça, o que é, para cada um de nós, a hora de sua maioridade.

É a sociedade humana tomando posse do governo de si mesma, substituindo o reino da justiça ao do favor, a lei ao bel-prazer, a liberdade à escravidão.

Na ordem política e social, o passado, para dirigir os homens, invoca uma vontade superior, uma vontade exterior à consciência.

É nas crenças obscuras, nas revelações sobrenaturais, é muitas vezes na forma brutal que as instituições da Idade Média encontram as fontes da autoridade. A Revolução põe as bases da nova ordem social sobre leis imutáveis da natureza e sobre os eternos ensinamentos da razão. Nada de milagres, nem revelações. É na consciência humana que se encontram os princípios que darão autoridade para todos, quando forem proclamados pela vontade nacional e convertidos em leis pelos eleitos do povo.

Eis o direito moderno e não apenas o dos franceses, porém o de todos os homens, direitos que, acompanhados dos deveres correspondentes, ficarão inscritos um dia em cada povo no alto de sua Constituição.

Os constituintes de 1789 não falaram somente para a França, mas para o mundo inteiro. É a grandeza e a glória imortal da Revolução Francesa, por ter inaugurado esses princípios de igualdade, solidariedade e fraternidade em torno dos quais as nações se unirão um dia como membros de uma única família, da grande família universal.

Senhores, nessa rápida exposição da marcha do progresso através dos tempos, eu paro na Revolução.

Com efeito, a Revolução é o abismo que se coloca entre duas épocas: uma marcando a infância da humanidade e a outra sua idade adulta. Antes da Revolução, o mundo olha para trás e acredita na queda, na decadência, pondo toda sua confiança nas lendas religiosas.

A partir de 1789, o mundo olha o futuro, o homem só conta com sua própria iniciativa, seu trabalho, seu gênio, para criar esse futuro que será tanto maior quanto maiores forem os esforços para prepará-lo. A Revolução, é preciso dizê-lo, se fez no meio de uma geração que não tinha maturidade.

A ignorância, a luta de interesses egoístas impediram o desenvolvimento durante oitenta anos. Hoje, amadurecida pelas provas, nossa geração religa a cadeia interrompida do progresso.

Pacífica, porém resolutamente, ela retoma a obra de nossos antepassados para continuá-la em todas as suas conseqüências lógicas, para realizar a emancipação intelectual e moral do gênero humano.

Vejamos, portanto, o que é o presente, a quem está reservada essa tarefa, o que faz sua força, o que faz sua fraqueza, o que temos de fazer nós mesmos para torná-lo grande e frutífero.

Capítulo III

O Progresso Político

Examinemos a situação atual de nosso país, da França; examinemos, não como apologistas, não como admiradores, porém como homens nos quais, acima de suas opiniões, de suas tendências, acima de todas as coisas, paira a verdade.

Faremos esse exame colocando-nos em três pontos de vista sucessivos: político, social e religioso. Nós o faremos dispensando tudo quanto poderia ter um caráter polêmico e nos colocando num plano elevado, na esfera serena dos princípios.

Após ter tentado, durante meio século, todas as formas de governo monárquicas, após ter sido jogada numa multidão de aventuras comprometedoras, após ter derramado seu sangue sobre todos os campos de batalha da Europa para a consolidação de dinastias efêmeras, abandonada pelas nações, diminuída em seu território e na sua honra, a França se refugiou na república como em uma derradeira e suprema esperança, como a única forma de governo capaz de lhe dar o que ela deseja ardentemente: a paz e a liberdade!

A república democrática é a mais racional e a mais lógica forma de liberdade e só ela pode levantar, valorizar as almas que o despotismo humilhou. Só ela pode fazer a verdadeira igualdade entre os homens, sem rebaixar os grandes ao nível dos pequenos, porém dando aos pequenos os meios de se elevarem gradualmente ao nível dos grandes, pela instrução, pela liberdade de trabalho e de associação, pela uniformidade dos direitos.

O governo da república é a expressão da vontade nacional. O povo, reunido em seus comícios, nomeia seus representantes e estes elegem o chefe do poder. É, portanto, o povo que se governa a si próprio por meio do sufrágio universal. Cada cidadão participa da soberania. Uma nação republicana é um vasto organismo, um grande corpo, do qual cada eleitor é um membro.

Ela será, portanto, em geral, o que cada um de nós é em particular. O Estado social valerá o que nós valem. Se nós

somos retos, justos, esclarecidos, o Estado será grande; se somos pequenos, ignorantes e viciosos, o próprio Estado será frágil e miserável. Portanto, o progresso social só é possível com o progresso de cada um de nós.

Vede, cidadãos, quanto, com a república, nossa responsabilidade aumenta, pois a sorte de nosso país está em nossas mãos. Somos nós que, por nossas escolhas e nossos sufrágios, fazemos nossos destinos. Compreendei, agora, quanto é necessário que cada um de nós se esclareça e se aperfeiçoe, quando é necessário que o julgamento de todos se fortifique, porque, eu vos pergunto, que faríamos dos direitos e das liberdades, se não soubéssemos empregá-los com sabedoria, com discernimento?

Republicano significa quem se governa, quem se dirige por si mesmo em todas as esferas de suas atividades.

Esse título impõe a todos os que o adotam mais mérito, mais valor intelectual e moral. E, além disso, sondei a História e vereis que todos os governos, quaisquer que sejam, pereceram pela corrupção ou pela ignorância.

Os gregos e os romanos foram vencidos pelo luxo, pela indolência; foi após as orgias da regência que a aristocracia francesa perdeu seu prestígio; foi pela corrupção do orleanismo que a burguesia se amesquinhou.

Portanto, a república não pode viver, prosperar, engrandecer-se, sem que cada um de nós trabalhe sem cessar, para um futuro melhor, mais sábio, mais virtuoso.

Nossos antepassados da primeira revolução tinham razão para colocar a virtude como ordem do dia da pátria. Inspiremo-nos no exemplo desses republicanos austeros, desses grandes patriotas, cujo espírito de devotamento e de sacrifício deles fizeram eternos modelos para gerações do porvir. Com efeito, não basta combater o despotismo para fazer nascer a liberdade; não basta afastar a tirania do poder para implantar os costumes republicanos. Se o servilismo, a paixão e a noite permanecerem em nossas almas, nada teremos feito e o despotismo um dia renascerá. Entretanto nós, republicanos, que desejamos uma

ordem social baseada na justiça e na liberdade, façamos inicialmente justos e virtuosos a nós mesmos, tornemos nossos corações livres, as razões esclarecidas, os costumes dignos, as consciências honestas e marchemos nós, em frente, sem fraquejar.

Não atingiremos a perfeição, sem dúvida, porém cada um de nossos passos para frente nos mostrará um ideal, uma ordem maior e mais harmoniosa; cada um de nossos esforços nos livrará de um mal, de uma paixão e de um erro. Contribuiremos, assim, para elevar a França e estabelecer a república definitiva, impedindo que a democracia caia no cesarismo.

Todavia, senhores, se devemos não abusar dessas coisas, devemos também nos alegrar diante de um grande exemplo que nosso país dá, neste momento, à Europa. Se, após vinte anos de realeza burguesa, depois de vinte anos de império, os costumes republicanos, austeros e graves, não puderam se desenvolver espontaneamente em nós, devemos dizer, entretanto, que a França, amadurecida pelas provações do ano terrível, fortalecida pelo sofrimento, recolheu de suas instituições republicanas, embora ainda incompletas, um grande bem, uma nova força moral.

Se estendermos, nesse momento, nosso olhar sobre a Europa, ali veremos, realmente, um vento de guerra que passou sobre as nações. Soberanos belicosos e diplomatas astuciosos se preparam para a luta. Por toda parte alguém se arma, como na proximidade de um terrível choque.

Desperdiçam-se recursos, aguardando que o sangue corra; os povos sofrem e a miséria é profunda. Por toda parte surdos estrondos anunciam sangrentas revoltas. A Irlanda se agita, os socialistas alemães se preparam. Na Rússia os negativistas prosseguem sua obra sinistra, a Turquia agoniza e o Oriente inteiro se desconjunta.

Durante esse tempo o que faz a França? a França republicana trabalha, fortifica-se e se esclarece; reduz seus impostos e se cobre de escolas. A França quer nascer para uma nova vida, se

desembaraça do vírus da Idade Média e torna-se laica. Põe-se em situação de resolver pacífica e gradualmente a questão social.

Bem armada, mas para a defesa e não para o ataque, ela deixa os déspotas se atirarem uns contra os outros.

Que ela persevere em sua política de paz e de justiça; que ela esqueça para sempre as funestas tradições de um passado cheio de lágrima e de sangue.

Que a França dos corsos morra! Que a França republicana viva para sempre! Que suas livres instituições se desenvolvam e cresçam. Que o espírito do *Syllabus*² dela se afaste; que seu povo se fortifique pelo trabalho e pelo estudo e então sua influência se estenderá de novo sobre o mundo.

As mesmas nações que a evitavam, que outrora a odiavam, porão nela sua esperança, no dia em que, no meio da miséria geral e dos conflitos armados, a França se mostre para a Europa como um poderoso exemplo do que pode fazer um grande povo em um regime de paz, de luz e de liberdade.

Capítulo IV

O Progresso Social

Após a questão política se ergue a questão social, assunto vasto e complexo que, para ser tratado com algum desenvolvimento, exigiria muitas horas. Limitar-me-ei a indicar somente as soluções que me parecem ser as mais práticas e mais de acordo com o espírito de justiça.

Pretensões apaixonadas atraíram, durante algum tempo, a atenção pública para essas questões. Essas reivindicações já produziram protestos numerosos no próprio seio da classe operária e delas não me ocuparei. Tratarei somente das reclamações que considero legítimas, do operário honesto, laborioso, que desejava assegurar sua velhice contra a miséria, que desejava preparar-se para essas eventualidades lamentáveis chamadas recesso, doença e os encargos de família. Isto não é um direito sagrado do trabalho?

Um perigo ameaça, ao mesmo tempo, o progresso social e a república: é o envolvimento do trabalhador pelo clericalismo. Vós não ignorais os apelos melífluos que a imprensa católica apresenta à classe operária e à instituição dos círculos católicos de operários; os discursos pronunciados nos congressos de Chartres e de Augers vos oferecem a medida do que se pode esperar desse movimento.

A massa dos trabalhadores tem muito bom senso para se deixar prender nessas armadilhas, pois não ignora o que eram as corporações e seus dirigentes do passado, não tendo nenhuma infantilidade de desejá-las restabelecer. Seja como for, os republicanos influentes, os dirigentes de indústria têm o dever de se ocupar com o trabalhador, de corresponder às suas aspirações, quando se apresenta de uma forma calma, pacífica, moderada. Uma grande responsabilidade pesa sobre os favorecidos da sorte; o fato de que eles têm mais recursos e conhecimentos lhes impõe maiores obrigações. Digamos que muitos dentre eles deram nobres e generosos exemplos.

Os Ménier, os Godin de Guise e tantos outros, fazendo seus trabalhadores participarem nos lucros da produção industrial, estabelecendo para eles e suas famílias moradias higiênicas e escolas gratuitas, demonstraram o que se precisava fazer para o bem-estar e o aperfeiçoamento físico, intelectual e moral da maior parte.

Onde a participação dos lucros não é aplicada, a associação cooperativa vem resolver o problema e aí está o grande segredo do futuro, pois só o princípio de associação transformará o mundo.

É um dos fatos mais notáveis de nossa época essa tendência, sempre crescente, em substituir o esforço isolado pelo esforço coletivo. As forças se agrupam, os capitais se associam, os interesses se unem e, graças a esse grande movimento, a sociedade vê aumentar seu poder e seu bem-estar, avançando com o passo mais rápido para uma distribuição eqüitativa dos recursos após o trabalho de cada um.

Se considerarmos o que já produziu o princípio de associação nas inumeráveis instituições de previdência e mutualidade – seguros de vida, câmaras sindicais e bancos populares, tais como funcionam na Alemanha e na Itália, sociedades cooperativas de produção e de consumo –, ficaremos admirados com o desenvolvimento colossal dessa idéia. O que ela criou é ainda pouca coisa em comparação com o que ela pode realizar no futuro.

Entretanto, se a essas criações acrescentarmos as reformas nascentes, as leis protetoras da associação, as caixas de auxílio para os inválidos do trabalho, a reforma do imposto, em seguida a instrução ampla, a questão será bem simplificada, se não for resolvida.

A humanidade marcha para a solidariedade e não para a divisão. Essa grande idéia de associação germinou durante muito tempo na sombra; atualmente ela começa a crescer, trazendo seus frutos. Os trabalhadores não têm o que destruir, mas transformar. Eles têm a quantidade e a eleição; se souberem limitar suas pretensões dentro dos limites do direito e da justiça,

o seu sucesso é apenas uma questão de tempo e de paciência. A vitória está assegurada num futuro próximo.

A questão social não comporta somente a melhoria da sorte do operário; ela visa também a mulher, para quem uma instrução insuficiente, baseada em superstições religiosas, tem o apoio dos representantes do passado. Nela existe uma força imensa perdida pelo progresso.

Realmente, a mulher é dotada de qualidades inatas, de faculdades e aptidões que, em muitos pontos a tornam superior ao homem. Bastará desenvolver essas qualidades com uma instrução séria, por uma educação forte que retire de seu espírito os preconceitos, as sombras da superstição, e que a coloque à altura do espírito do homem.

Então a família estará unida; então a mulher, transformada, por sua vez, em defensora da causa do progresso, saberá educar gerações viris e contribuir para assegurar o futuro que, sem ela, sem sua participação, seria sempre precário e incerto.

Capítulo V

O Progresso Religioso

Após ter lançado um rápido olhar sobre essas duas faces da questão do progresso: o problema político e o problema social, resta-nos examinar uma terceira face do assunto, que não é nem a menos delicada, nem a menos perigosa, isto é, a questão religiosa.

Aqui, mais do que nunca, devo esforçar-me para permanecer numa esfera elevada dos princípios, evitando descer para a arena onde se agitam as paixões furiosas e onde se entrecrocaram os interesses espezinhados.

O que é a religião? E é preciso uma religião? A palavra religião vem do latim *religare*, que significa religar, unir.

Tomada no sentido exato da palavra, a religião deveria ser uma força, um elo que unisse os homens entre si e que os unisse também a um princípio superior das coisas.

Na alma humana existe um sentimento natural que a eleva acima de si mesma para um ideal de perfeição no qual se resumem essas potências morais denominadas o bem, a verdade e a justiça. Esse sentimento, quando está esclarecido pela ciência, quando é fortificado pela razão, quando tem por base essencial a liberdade de consciência, da consciência autônoma e responsável, é o mais nobre de quantos possamos conhecer.

Ele pode tornar-se um motor das maiores ações e é também uma das manifestações da lei sublime de progresso. Todavia, senhores, não é o que acontece entre as religiões que cobrem a superfície do mundo. E quando eu digo as religiões, pretendo falar das religiões sacerdotais.

O sentimento religioso, mantido e desenvolvido por elas, é baseado na liberdade de consciência, é motivo de progresso, é um liame para a humanidade?

Não! Vós sabeis que essas religiões se excluem mutuamente, combatendo-se e perseguindo-se quanto podem. Cada uma delas pretende ser a única verdadeira, a única legítima, e cada uma

delas acusa as outras de erro ou impostura e as outras, por sua vez, lhe devolvem suas acusações e seus anátemas.

Entretanto essas religiões, tão hostis entre si, entendem-se todas num ponto: é quando se trata de oprimir o pensamento, de paralisar sua evolução secular, de combater o pensamento em suas aspirações, em seus esforços para o progresso. Todavia foram homens de progresso que as fundaram, espíritos sequiosos de justiça e apaixonados pelo bem que as estabeleceram. Eles se chamaram Cristo, Buda, Confúcio. Eles trabalharam e sofreram pela humanidade, porém, quando partiram, seus sucessores se apoderaram de suas idéias e as modificaram ao bel-prazer, fazendo delas um instrumento de servidão, de domínio; o culto e a fé ficaram como uma pedra sepulcral que as castas sacerdotais quiseram colocar sobre o pensamento e a liberdade. Porém, após séculos de silêncio e de morte, o pensamento, que não pôde morrer, despertou. Saiu do túmulo onde acreditaram tê-lo sepultado para sempre e eis que ele se ergue na luz, diante de velhas fórmulas, de dogmas obscuros, e chamando para si a humanidade inteira, ele lhe diz: Julga e sentencia entre nós.

Em matéria religiosa, o problema se coloca, em nosso país, entre o Catolicismo e o livre pensamento. O Cristianismo primitivo, saído do meio do povo e que combatia a aristocracia e o sacerdócio judeu, tinha começado pelo Comunismo, pela eleição dos padres, dos padres casados.

O Catolicismo, continuador do Cristianismo, apresentou a infalibilidade papal e no *Syllabus* a declaração de princípios, cujo último artigo é este: “Anátema contra aqueles que pretendem que o pontífice romano deve se reconciliar com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna.”

Não me limitarei a examinar os dogmas e os ensinamentos do Catolicismo e cada um de vós pode dedicar-se a esse exame. Limitar-me-ei a fazer um paralelo no que nos ensina, de um lado, a religião católica e, de outro, a ciência apoiada na razão, a propósito de duas concepções essenciais que dominam toda a existência humana e toda a organização social, isto é, sobre a concepção do universo e da finalidade da vida.

As idéias que fazemos sobre a organização do universo, sobre o papel que cada um de nós deve desempenhar nesse vasto teatro do mundo, tais idéias, vós compreendeis, senhores, são de uma importância capital, porque é após elas que nós devemos dirigir todos os nossos atos. É consultando-as que assinalamos uma finalidade para a vida e marchamos para esse fim. É aí que está a base de toda a civilização; é essa concepção do mundo e da vida que inspira toda a organização e fornece ao corpo social sua direção e sua forma de governo.

Portanto daí resulta que, se tal idéia está de acordo com a verdade, as leis sociais estarão calcadas em leis naturais e a harmonia reinará no mundo; se essas idéias estiverem erradas e contrárias às leis do universo, daí decorrerão o caos, a esterilidade, a decrepitude.

Examinemos, então, a concepção do mundo como o Catolicismo nos revela e sobre a qual está estabelecida a sociedade monárquica, feudal e autoritária. O mundo, o universo, diz a Igreja, foi criado em seis dias e há sete ou oito mil anos, pela única vontade de Deus, que fez todas as coisas do nada.

Deus, diz o catecismo do Concílio de Trento, formou os céus. Enfeitou-os com o Sol, a Lua e outros astros, para servirem de sinais, distinguindo as estações e os dias, depois segue a enumeração da obra de cada um dos seis dias da criação, durante os quais Deus fez sair da terra, num momento espontâneo, os homens, as plantas e os animais. Assim, agradou um dia a Deus criar o mundo, porém Deus fica fora de sua obra como a obra está fora do obreiro.

Esse universo, tirado do nada, pode ser destruído, aniquilado e Deus o mantém e governa através do milagre.

O homem, pelo pecado original, está condenado ao sofrimento, ele não se pode salvar por si mesmo, nem merecer o céu sem o socorro da graça, isto é, do bel-prazer, e sempre diante dele, como uma ameaça terrível, aparece a perspectiva dos braseiros eternos. Assim, não há nenhuma idéia de lei, de ordem e de solidariedade. Nada além da vontade de Deus e do capricho do Todo-Poderoso.

É sobre essas noções que o mundo viveu durante vinte séculos e é sobre esses fundamentos que se edificou a sociedade da Idade Média. No que concerne à estrutura do universo, são Tomás de Aquino acrescenta que a Terra, centro do universo, está imóvel, recoberta por uma abóbada sólida, *firmamentum*, dividida em várias camadas, que se engastam umas nas outras, e que os astros são como centelhas, cravos de ouro colocados nessa abóbada como ornamentos.

Vejamos, agora o que nos diz a ciência sobre esse mundo, sobre esse universo. A Terra é um globo de três mil léguas de diâmetro que gira sobre si mesma e gravita em torno do Sol. Em sua corrida rápida ela percorre trinta mil léguas por segundo. Estamos longe da imobilidade e esse globo não é o único nas profundezas do céu.

De todos os lados há legiões de esferas, sóis incontáveis se movimentam nos abismos do espaço. Perto deles a Terra é um grão de areia, como um corpo mesquinho na família dos corpos celestes.

Entre os planetas que circulam em torno do Sol, um é setecentas vezes maior que a Terra (Saturno) e outro mil e quatrocentas vezes maior (Júpiter). Na superfície desses mundos o telescópio observa as mesmas aparências de vida existentes na Terra, havendo atmosferas carregadas de nuvens, continentes e mares. Distinguem-se cadeias de montanhas e acúmulos de neve e de gelo que cercam os pólos desses globos. Entretanto o olhar da ciência não pára por aí; ele sonda as regiões mais recuadas do céu e em nenhuma parte descobre os limites do universo ou uma abóbada sólida. Os limites recuam na medida em que a ciência avança, marcha, e o espaço se abre sempre mais prodigioso, mais insondável.

Todavia, por mais longe que a ciência lance seus olhares, por toda parte, por sobre todos os pontos dos céus, ela vê astros em quantidade infinita, isto é, mundos e mais mundos, terras, sóis, esferas dispersas aos milhões e formando grupos, famílias estelares, perto das quais a Terra e suas irmãs e nosso próprio Sol, apesar de suas mil e duzentas léguas de diâmetro, são como átomos, grãos de poeira perdidos na imensidade dos céus. No

lugar de serem destinados a uma imobilidade eterna, todos esses mundos se agitam, se movem no seio das profundidades, gravitando uns em volta de outros e percorrendo milhares de léguas em sua corrida assustadora. Assim, por toda parte, o movimento, a vida se manifestando no espetáculo grandioso de uma criação que não começou, que jamais acabará, mas que prossegue numa transformação incessante, eterna, no seio de um espaço sem limites.

Se, do espetáculo desses mundos, lançarmos nossos olhares para a Terra, quantas coisas ela nos dirá. Embora pequeno, nosso planeta tem sua vida própria, sua função na imensa harmonia das esferas. Nas camadas superpostas que formam sua crosta, lemos sua história como nas folhas de um livro; seguimos, passo a passo, as fases de um desenvolvimento que durou, não seis dias, porém milhões de séculos, e vemos, não a marca de uma criação espontânea, mas de uma formação lenta, progressiva, submetida a leis imutáveis. Segundo essas leis, os mundos, como os seres, possuem seus períodos de juventude, de maturidade, de decrepitude, após os quais se dissolvem e desaparecem para dar lugar a novos astros. Quanto aos seres que os povoam, cada um deles, em vidas sucessivas e sempre renascentes, se eleva, de degrau em degrau, na escalada magnífica dos mundos, desde as formas mais rudimentares da vida até a plenitude da existência intelectual e moral.

Dessa forma o trabalho e o progresso se tornam a lei suprema do mundo; o arbitrário e o milagre desaparecem. A criação se faz através do tempo, tempo de esforços contínuos, pelo trabalho de todos os seres, solidários uns com os outros e no proveito de cada um.

É assim que, no lugar de um universo criado do nada, governado pela fantasia e pela graça, no lugar de uma monarquia absoluta, a ciência nos apresenta, no infinito dos espaços e dos tempos, a imensa república dos mundos, governada por leis imutáveis, acima das quais plana essa Razão consciente, que se conhece, que se possui e que é Deus.

E agora eu vos pergunto: após ter visto, no espetáculo do mundo iluminado pela ciência, manifestarem-se por toda parte

esses grandes princípios universais de ordem, solidariedade, trabalho e progresso, a sociedade moderna pode ainda aceitar esses conceitos do passado, esses sistemas ultrapassados que nos apresentam o milagre e a graça planando sem cessar acima de tudo?

Podemos acreditar ainda em Josué parando o Sol, numa palavra, em todas as lendas e superstições que alimentaram nossa infância? Não, o ideal se transforma e cresce, e diante da luz de um novo dia as sombras e os fantasmas do passado vão desaparecer. O sentimento religioso não morrerá por isso, ele se tornará apenas mais racional e mais esclarecido. O próprio Cristo disse: “Um dia chegará em que o Pai não será mais adorado nem nos templos nem na montanha.”

É uma alusão à hora em que o pensamento humano, livre dos liames que o prendem, se elevará mais rápido em direção à verdade e à luz, para criar a religião do futuro, isto é, a religião natural, laica, que não terá necessidade de templos nem altares, na qual cada pai de família será o padre e no seio da qual se fundirão, como rios num oceano imenso, as crenças, as seitas que dividem e separam a humanidade.

Dirão, todavia, como será a moral, onde estará sua fonte, se não está mais nas religiões reveladas. A moral, responderei, está eternamente escrita na razão e na consciência do homem e não há necessidade dos ensinamentos dogmáticos para conhecer seu dever.

Escutai a voz interior que fala a cada um de nós, aos mais ignorantes como aos mais esclarecidos, dizendo-nos: Eleva-te pelo trabalho, pelo estudo e pela prática do bem. Eis aí a revelação por excelência e, bem melhor que os ensinamentos do dogma, é ela quem nos faz saber que nosso papel no mundo é trabalhar pelo nosso aperfeiçoamento e pelo da humanidade. Desenvolver nossas faculdades intelectuais e nossas qualidades morais; trabalhar para colocar na Terra o reino da justiça, da paz e da fraternidade, marchando juntos para esse fim distante, para esse ideal: a perfeição.

Eis a verdadeira religião e a única de acordo com as leis universais, a religião do progresso, a religião da humanidade!

Capítulo VI

O Passado e o Futuro

Conclusão

Na primeira parte deste estudo, seguimos a marcha do progresso através dos séculos. É uma dolorosa história: a humanidade conquistando, pela luta, pelo sangue, à custa de lágrimas e suplícios, seus direitos e suas liberdades.

Após cada passo para frente, vê-se o espírito de egoísmo e de dominação se erguer sobre sua passagem, porém sempre em vão.

Apesar da tortura e da fogueira, apesar do patíbulo, apesar dos massacres, pedaço por pedaço, os direitos do pensamento e da consciência se revelam e se afirmam. Cada geração traz seu tributo de dores, de trabalho, de esforços e a herança comum aumenta sem cessar.

De século em século, o homem, por seu gênio, triunfa sobre os obstáculos acumulados em sua rota, livra-se da sombra das superstições e se eleva para a luz. Ele descobre as leis eternas e as realiza nas instituições sociais. Pouco a pouco, as velhas iniquidades desaparecem. A escravidão, o servilismo e a tortura desaparecem, um após o outro. A ignorância diminui, a liberdade aparece em alguns pontos do globo e, no meio desses prodigiosos esforços, acima dos diversos organismos sociais – tribos, raças, cidades, reinos, impérios – alguma coisa maior se elabora e se desenvolve, lentamente, através dos tempos: é a civilização que, após ter sido sucessivamente asiática, grega, romana e ocidental, tende a se tornar universal, unindo os povos numa aspiração comum, para formar o grande ser coletivo, o Ser Humanidade.

Todavia, se o tempo de servidão, de esmagamento, tem fim, se um mundo novo se prepara, nós, que aproveitamos das conquistas da ciência, nós que vivemos nos tempos melhores, não esqueçamos aqueles que, nas sombrias épocas da História, prepararam, no sofrimento e nas lágrimas, os benefícios que gozamos hoje. Não esqueçamos os pensadores, os lutadores

austeros que morreram na luta, que caíram combatendo pelo direito e pela verdade.

A democracia e a ciência, também elas, têm seu calendário, eu digo, seu calendário, e têm seu *panteon* sublime, o *panteon* que esses grandes mortos habitam, esses poderosos espíritos que planam acima de nós e que nos inspiram!

Veneremos esses mortos gloriosos. Honra a vós, ilustres mártires, que sofrestes por todas as idéias úteis, fecundas e generosas. Para vós, ilustres mártires, que consagrastes vossas vigílias, vossa saúde e vossa vida na busca dos grandes problemas; para todos vós que, pelo bem da humanidade, fostes perseguidos e torturados, mortos nos calabouços e nas forcas, honra para todos vós em todos os séculos! Vossa obra não está perdida, oh! não! O que criastes na dor nós recolhemos e essa herança sagrada nós conservaremos preciosamente e transmitiremos, engrandecida e aumentada, aos que vierem depois de nós.

Assim como o passado prepara o presente, este, que somos nós, deve preparar o futuro; eis aí a lei da imensa solidariedade que une todos os tempos e todas as raças.

Nossos antepassados lutaram por nós, trabalhem, por nossa vez, para nossos descendentes. Aliás, não conhecemos todos os segredos do passado. Quem sabe se não chegaremos um dia a colher na paz e na alegria o que semearmos na dor. Tudo se encadeia na vida dos seres e na história do mundo; cada século e cada geração têm seu papel fecundo e glorioso.

O século XVI viu o renascimento das artes e o sentimento do belo emergir da noite da Idade Média. O século XVII foi a eclosão do pensamento, o século XVIII viu o triunfo da razão, a grande revolução, e o século XIX é o século da ciência.

O século XX, que está próximo, será o complemento, o coroamento dos séculos anteriores. Escutai os surdos rumores que rompem de todas as partes. Por todos os cantos os povos se agitam, ansiosos para sacudir a antiga opressão monárquica e clerical. A Europa está em armas, é verdade, milhões de baionetas brilham ao sol, porém as nações não suportam mais

essa situação que as arruína. Elas voltam as costas ao espírito de conquista e se dirigem aos homens de pensamento.

O despotismo estertora e o velho mundo agoniza. O gênio do nosso país se separa das correntes seculares de Roma e convida os povos para fundar a nova era, a era da concórdia, do trabalho e da pacificação universal.

Apesar de todos os egoísmos, essa era aparecerá, porque a corrente da civilização ali chegou tão necessariamente como os cursos d'água chegam ao mar.

Dia virá em que todos os flagelos, criados pelo erro, morrerão. A guerra cessará, as superstições se extinguirão, a força desaparecerá. O saber regenerará o mundo e, diante dessa grande luz, os preconceitos seculares, os ódios entre as classes e entre as nações desaparecerão, como as brumas matinais diante do sol de julho.

Esses tempos ainda estão longe, dirão! Não muito longe, responderei eu, se soubermos prepará-los, não tão longe se nos tornarmos dignos deles, nós e todos os nossos semelhantes.

Não basta se dizer republicano; é preciso que o sejamos pelos costumes e pelo caráter; é necessário que cada um de nós trabalhe para se instruir, para se moralizar e para se tornar melhor.

Que cada um espalhe em torno de si idéias de justiça e de solidariedade e o futuro será nosso. Tenhamos confiança. Que todos cumpram seu dever. A grande lei da vida é o trabalho, é o progresso, cumpramo-la!

Todos unidos, de mãos dadas, marchemos juntos para o futuro e que nossa divisa seja:

“Para frente, sempre para frente e para o Alto!”

Capítulo VII

O Progresso na Imortalidade

(Complemento filosófico
publicado pelo jornal *Le Devoir*)

Embora a humanidade avance pouco a pouco na estrada do progresso, pode-se dizer que a imensa maioria de seus membros marcha através da vida como em meio de uma noite obscura, ignorando de onde vem, não sabendo para onde vai, não tendo jamais sonhado com o objetivo real da existência.

Espessas trevas dominam a razão humana; os raios destes poderosos focos, que são a justiça e a verdade, só chegam a ela pálidos, enfraquecidos e insuficientes para aclarar os caminhos sinuosos por onde as inúmeras legiões seguem em marcha, para fazer brilhar a seus olhos o objetivo ideal e distante.

Ignorante de seus destinos, indeciso entre o preconceito e o erro, o homem maldiz, por vezes, a vida. Desfalecendo ao peso do seu fardo, lança sobre seus semelhantes a causa das provas que ele engendra e sofre, muitas vezes por sua imprevidência. Revoltado contra Deus, que ele acusa de injusto, em sua loucura e seu desespero chega mesmo, algumas vezes, a desertar do combate salutar, da luta que só pode fortificar sua alma, aclarar seu julgamento, prepará-lo para trabalhos de ordem mais elevada.

Por que é assim? Por que o homem desce frágil e desarmado na grande arena onde se trava, sem tréguas e sem descanso, a eterna e gigantesca batalha? É que esse globo terrestre é simplesmente um dos degraus inferiores da escala dos mundos e nele moram apenas espíritos novos, isto é, almas nascidas recentemente com a razão.

A matéria reina soberana em nosso mundo e curva sob seu jugo até os melhores dentre nós; limita nossas faculdades, paralisa nossos anseios para o bem e nossas aspirações para o ideal.

Assim, para discernir o porquê da vida, para conhecer sua razão de ser, para entrever a lei suprema que rege as almas e os mundos é preciso saber libertar-se dessas pesadas influências, liberar-se das preocupações de ordem material, de todas essas coisas passageiras e volúveis que acobertam nosso espírito, dificultando nossos julgamentos. Somente nos elevando algumas vezes pelo pensamento, acima dos próprios horizontes da vida, fazendo abstração do tempo e do espaço e planando, de certa forma, acima dos pormenores da existência, é que perceberemos a verdade.

Com um esforço de vontade, abandonemos por um instante a Terra e subamos essas encostas sublimes. Do alto dos cumes intelectuais se desenrolará, para nós, o imenso panorama dos tempos sem fim e dos espaços sem limite. Do mesmo modo que o soldado perdido na luta só vê confusão em seu derredor, enquanto que o general, cujo olhar alcança todas as peripécias da batalha, calcula e prevê seus resultados; da mesma forma que o viajante, perdido nas dobras do terreno, subindo a montanha, pode vê-las se fundir numa planície grandiosa, assim a alma humana, dos cumes onde ela plana, longe dos ruídos da Terra, longe dos recantos obscuros, descobre a harmonia universal. O que embaixo lhe parecia confuso, inexplicável e injusto, visto do alto se liga e se aclara.

As sinuosidades da existência se endireitam. Tudo se une, tudo se encadeia. Ao espírito deslumbrado aparece a ordem majestosa que regula o curso das existências e a marcha dos universos.

Dessas alturas iluminadas, a vida não é mais, aos nossos olhos, como aos da multidão, a busca vã de satisfações efêmeras, porém um meio de aperfeiçoamento intelectual, de elevação moral, uma escola onde se aprende a doçura, a paciência e o dever.

Esta vida, para ser eficaz, não pode ser isolada. Fora de seus limites, além do nascimento e da morte, vemos, numa espécie de penumbra, desenrolar-se uma multidão de existências através das quais, à custa do trabalho e do sofrimento, conquistamos, peça por peça, pedaço por pedaço, o pouco de saber e de qualidades

que possuímos e pelos quais também conquistaremos o que nos falta: uma razão perfeita, uma ciência sem limites e um amor infinito por tudo quanto vive.

A imortalidade, semelhante a uma cadeia sem fim, se desenrola para cada um de nós na imensidade dos tempos. Cada existência é um elo que se liga, para trás e para frente, em uma cadeia distinta, a uma vida diferente, porém solidária com as outras.

O futuro é a conseqüência do passado e, de degrau em degrau, o ser se eleva e cresce. Artífice de seus próprios destinos, o homem, livre e responsável, escolhe seu caminho e se essa rota é difícil, as quedas que terá, os calhaus e os espinhos que irão dilacerá-lo terão como efeito desenvolver sua experiência e fortificar sua razão nascente.

A lei suprema do mundo é, portanto, o progresso incessante, a ascensão dos seres para Deus, fonte das perfeições. Das profundezas do abismo, das mais rudimentares formas da vida, por uma rota infinita e com o auxílio de transformações sem conta, nós nos aproximamos dele. No fundo de cada alma o Eterno colocou o germe de todas as faculdades e de todas as potências; cabe-nos fazê-las eclodir por nossos esforços e por nossas lutas!

Encarado por esses aspectos novos, nosso progresso, nossa vindoura felicidade é obra nossa e a graça não tem mais razão de ser, pois a justiça brilha afinal sobre o mundo, porque se todos lutamos e sofremos, todos seremos salvos.

Igualmente se revela aqui, em toda a sua grandeza, o papel da dor e sua utilidade para o progresso dos seres. Cada globo que rola no espaço é uma vasta oficina onde a substância das almas é incessantemente trabalhada.

Assim como o grosseiro mineral, sob a ação do fogo e das águas, se transforma, pouco a pouco, em um puro metal, também a alma humana, sob os pesados martelos da dor, se transforma e se fortifica. É no meio das provas que se forjam os grandes caracteres. A dor é a suprema purificação, é a fornalha onde se

fundem todas as escórias impuras que corrompem a alma: o orgulho, o egoísmo e a indiferença.

É a única escola onde se afinam as sensações delicadas, onde se aprendem a piedade e a resignação estóicas. Os gozos sensuais, ligando-nos à matéria, retardam nossa elevação, enquanto que o sacrifício e a abnegação nos desligam, por antecipação, dessa espessa ganga e nos preparam para novas etapas e para uma ascensão mais alta. Assim a alma se eleva na escalada magnífica dos mundos e percorre o campo sem limites dos espaços e dos tempos.

A cada conquista sobre as paixões, a cada passo à frente, engrandecida e purificada, ela vê seus horizontes se alargarem e percebe, cada vez mais distintamente, a grande harmonia das leis e das coisas e nela participa de uma forma bem estreita e mais efetiva.

Então para ela o tempo se apaga e os séculos se escoam como segundos. Unida a suas irmãs, companheiras da erraticidade, ela prossegue sua marcha eterna no seio de uma luz cada vez maior.

De nossas buscas e de nossas meditações se destaca assim uma grande lei: a pluralidade das existências da alma. Nós vivemos antes do nascimento e viveremos depois da morte e esta lei nos dá a chave de problemas até agora insolúveis, pois somente ela explica a desigualdade das condições e a infinita variedade dos caracteres e das aptidões. Conhecemos ou conheceremos, sucessivamente, todas as fases da vida terrestre e percorreremos todos os meios. No passado, nós éramos como esses selvagens que povoam os continentes atrasados; no futuro, nós nos poderemos elevar à grandeza desses gênios imortais, desses espíritos gigantes que, semelhantes a faróis luminosos, iluminam a marcha da humanidade.

O tempo e o trabalho são os dois elementos de nosso progresso e a lei da reencarnação mostra, de uma forma brilhante, a soberana justiça que reina sobre todos os seres. Passo a passo, nos forjamos e quebramos, nós próprios, nossos grilhões. As provas terríveis, que alguns dentre nós sofrem, são a consequência de uma conduta do passado.

O déspota renasce escravo; a mulher altiva e vaidosa por sua beleza tomará um corpo enfermo e sofredor; o preguiçoso voltará como servo, curvado sob uma tarefa ingrata, e aquele que fez sofrer, por seu turno, sofrerá. É inútil procurar o inferno nas regiões desconhecidas e distantes. O inferno está em torno de nós e se oculta nas dobras ignoradas da alma culpada, na qual só a expiação pode fazer cessar as dores.

Entretanto, dirão, se outras vidas precederam o nascimento, por que perdemos sua lembrança e como poderemos resgatar com sucesso faltas esquecidas?

A lembrança! Ela não seria mais que um terrível grilhão atado aos nossos pés! Mal saída das idades da fúria, escapando, ontem, da bestialidade feroz, qual deve ser esse passado de cada um de nós? Pelas etapas vencidas, quantas lágrimas temos feito correr e quanto sangue temos derramado! Conhecemos o ódio e praticamos a injustiça. Que fardo moral essa longa perspectiva de faltas para um pobre espírito já débil e cambaleante! Depois, a lembrança de nosso próprio passado estaria ligada, de uma forma íntima, à lembrança do passado de outras pessoas. Que desagradável situação para o culpado, marcado assim com o ferro em brasa pela eternidade!

E os ódios, os erros se perpetuariam pela mesma razão, criando divisões profundas e eternas no seio dessa humanidade já tão sacrificada. Sim, Deus fez bem em apagar de nossos frágeis cérebros a lembrança de um passado perigoso. Após termos bebido as águas do Léthé,³ renascemos numa nova vida. Uma educação diferente, uma civilização mais ampla faz espantar os fantasmas que perturbaram outrora nosso espírito.

Aliviados dessa bagagem pesada, avançamos com passo mais rápido pelas sendas que nos são abertas.

Entretanto esse passado não está tão extinto que não lhe possamos entrever alguns vestígios. Se, livres das influências exteriores, descermos ao fundo de nosso ser, se analisarmos, com cuidado nossas preferências e nossas aspirações, descobriremos coisas que nada em nossa atual existência e na educação recebida pode explicar.

Partindo daí, chegaremos a reconstituir esse passado, senão em seus pormenores, pelo menos em suas grandes linhas. Quanto às faltas, ocasionando, nesta vida, uma expiação consentida, ainda que apagadas momentaneamente aos nossos olhos, sua causa primária não permanece menos visível para sempre, isto é, nossas paixões, nosso caráter ardente que novas encarnações terão como meta curvar e domar.

Assim, pois, se deixamos sob o esquecimento as mais perigosas lembranças, carregamos, pelo menos, conosco o fruto e as conseqüências dos trabalhos recentemente conquistados, isto é, uma consciência, um julgamento e um caráter talhados por nós próprios. O que chamamos desigualdade não é outra coisa senão a herança intelectual e moral que as vidas passadas nos legam.

Cada vez que se abrem, para nós, as portas da morte, quando, separada do jugo material, nossa alma escapa de sua prisão de carne para entrar novamente no império dos espíritos, então o passado reaparece inteiramente diante dela. Uma após outra, na rota percorrida, ela revê suas existências: as quedas, as conquistas e as marchas rápidas. Ela se julga a si mesma, medindo o caminho percorrido, e no espetáculo de seus sucessos ou de suas vergonhas, colocados diante dela, encontra seu castigo ou sua recompensa.

Sendo o aperfeiçoamento intelectual e moral da alma o objetivo da vida, qual condição e qual meio nos convém melhor para conseguir esse objetivo? O homem pode trabalhar para essa perfeição em todas as condições e em todos os meios sociais, porém trabalhará mais vitoriosamente em determinadas condições.

A riqueza proporciona ao homem poderosos meios de estudo e lhe permite dar a seu espírito uma cultura mais desenvolvida e mais perfeita; ela põe em suas mãos facilidades maiores para aliviar seus irmãos infelizes e participar de tarefas úteis para lhes melhorar a sorte. Todavia são raros os que consideram como um dever trabalhar para aliviar a miséria ou pela instrução e melhoria de seus semelhantes.

A riqueza esteriliza, muitas vezes, o coração humano; extingue essa chama interior, esse amor ao progresso e às melhorias sociais, que aquece todas as almas generosas; coloca uma barreira entre os poderosos e os humildes e isola, numa esfera, os deserdados desse mundo, onde, por conseqüência, suas necessidades e seus males são ignorados e desconhecidos.

A miséria também tem seus horrorosos perigos: a degradação dos caracteres, o desespero e o suicídio, mas enquanto a riqueza nos torna indiferentes e egoístas, a pobreza, aproximando-nos dos humildes, nos faz compartilhar de suas dores. É preciso ter sofrido para avaliar o sofrimento dos outros. É então que os poderosos, no meio das honras, se invejam entre si e procuram rivalizar, em ostentação, os pequenos, aproximados pela necessidade e que vivem, por vezes, em uma tocante confraternização.

Olhai os pássaros de nosso país durante os meses de inverno, quando o céu está sombrio, quando a terra está coberta com um branco manto de neve; agarrados uns aos outros, na borda de um telhado, eles se aquecem mutuamente, em silêncio. A necessidade os une. Contudo, nos belos dias, com o Sol resplandecendo e a provisão abundante, eles piam quanto podem, perseguem-se, batem-se e se machucam. Assim é o homem. Dócil, afetuoso para com seus semelhantes nos dias de tristeza, a posse dos bens materiais muitas vezes o torna esquecido e insensível.

Uma condição modesta faz mais bem ao espírito desejoso de progredir, de adquirir as virtudes necessárias para seu progresso moral. Longe do turbilhão dos prazeres fugazes, ele julgará melhor a vida, dará à matéria o que é necessário para a conservação de seus órgãos, porém evitará cair em hábitos perniciosos, tornar-se presa das inúmeras necessidades factícias que são o flagelo da humanidade. Ele será sóbrio e laborioso, contentando-se com pouco, apegando-se aos prazeres da inteligência e às alegrias do coração.

Fortificado assim contra os assaltos da matéria, o sábio, sob a pura luz da razão, verá resplandecer seu destino. Esclarecido quanto ao objetivo da vida e ao porquê das coisas, ficará firme e

resignado diante da dor, que ele aproveitará para sua depuração e seu progresso.

Enfrentará a provação com coragem, sabendo que ela é salutar, que ela é o choque que rasga nossas almas e que só por este rasgão derrama tudo quanto de fel e de amargura há em nós.

E se os homens se riem dele, se ele é vítima da intriga e da injustiça, aprenderá a suportar, pacientemente, seus males, lançando seus olhares para vós, oh! nossos irmãos mais velhos, para Sócrates bebendo a cicuta, para Jesus crucificado e para Joana na fogueira. Haverá consolação na lembrança de que os maiores, os mais virtuosos e os mais dignos sofreram e morreram pela humanidade.

Após uma existência bem preenchida, chegará a hora solene e é com calma, sem desgostos, que virá a morte. A morte que os homens cercam com um sinistro aparato, a morte, espantallo dos poderosos e dos sensuais e que para o pensador austero é a libertação, a hora da transformação, a porta que se abre para o império luminoso dos espíritos.

Esse pórtico das regiões extraterrestres será penetrado com serenidade, se a consciência, separada da sombra da matéria, erguer-se como um juiz, representante de Deus, perguntando? “Que fizeste da vida?” e ele responder: “Lutei, sofri, amei! Ensinei o bem, a verdade e a justiça; dei a meus irmãos o exemplo do correto e da doçura; aliviei as dores dos que sofrem e consolei os que choram. Agora, que o Eterno me julgue, pois estou em suas mãos!”

Homem, meu irmão, tem fé em teu destino, porque ele é grande. Confia nas amplas perspectivas, porque ele põe em teu pensamento a energia necessária para enfrentar os ventos e as tempestades do mundo. Caminha, valente lutador, sobe a encosta que conduz a esses cimos que se chamam virtude, dever e sacrifício. Não pares no caminho para colher as florzinhas do campo, para brincar com os calhaus dourados. Para frente, sempre adiante.

Olha nos esplêndidos céus esses astros brilhantes, esses sóis incontáveis que carregam, em suas evoluções prodigiosas,

brilhantes cortejos de planetas. Quantos séculos acumulados foram precisos para formá-los e quantos séculos serão precisos para dissolvê-los.

Pois bem, chegará um dia em que todos esses sóis serão extintos, ou esses mundos gigantescos desaparecerão para dar lugar a novos globos e a outras famílias de astros emergindo das profundezas. Nada do que vês hoje existirá. O vento dos espaços terá varrido para sempre a poeira desses mundos, porém tu viverás sempre, prosseguindo tua marcha eterna no seio de uma criação renovada incessantemente. Que serão então, para tua alma depurada e engrandecida, as sombras e os cuidados do presente? Acidentes fugazes de nossa caminhada, que só deixarão, no fundo de nossa memória, lembranças tristes e doces.

Diante dos horizontes infinitos da imortalidade, os males do passado e as provas sofridas serão qual uma nuvem fugidia no meio de um céu sereno.

Considera, portanto, no seu justo valor, as coisas da Terra. Não as desdenhes porque, sem dúvida, elas são necessárias ao teu progresso e tua obra é contribuir para o seu aperfeiçoamento, melhorando a ti mesmo, mas que tua alma não se agarre exclusivamente a elas e que busque, antes de tudo, os ensinamentos nela contidos.

Graças a eles compreenderás que o objetivo da vida não é o gozo, nem a felicidade, porém o desenvolvimento por meio do trabalho, do estudo e do cumprimento do dever, dessa alma, dessa personalidade que encontrarás além do túmulo, tal como a tenhas feito, tu mesmo, no curso desta existência terrestre.

Notas:

- ¹ *A Morte não Existe*, Capítulo II, Edições Léon Denis.
- ² *Syllabus* (em português, Sílabo): lista de erros condenados pelo Papa. O Sílabo promulgado por Pio IX, em 1864, é uma coletânea de 80 proposições latinas que contém os principais erros filosóficos, políticos, morais, doutrinários, etc., condenados pela Igreja. (conforme o *Dicionário Lello Universal*) (N.E.).
- ³ *Léthé*: rio dos infernos, cujo nome significa esquecimento. Os homens bebiam de suas águas para esquecer (conforme o *Nouveau Petit Larousse Illustré*) (N.E.).